

DIREITOS MIGRANTES

NENHUM A MENOS

“Nenhum ser humano é ilegal”
- em árabe -

لا يوجد إنسان غير قانوني

**MUJERES
JUNTAS EN UNA
MISMA
VOTO!**

**Mokili
bobele
moko,
balolenge
ebele ya
libiki!**

“Uma só humanidade,
muitas formas de viver”
- em lingal -

HERE I LIVE, HERE I VOTE!

DIREITOS MIGRANTES

NENHUM A MENOS

Olá, profess@r!

Este material tem como objetivo ser um diálogo sobre os conteúdos da exposição 'DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS', apresentando propostas de mediação e sugestões de atividades. Esperamos que ele atue como ferramenta de auxílio para o planejamento do antes, durante e depois da visita à exposição, com ou sem a presença de educadores do Museu da Imigração. Boa visita! ;)

Educador@s do Museu da Imigração

A exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS tem como ponto de partida o entendimento de que a migração é um direito humano e que a nacionalidade, ou a ausência de documentos, não pode servir de impedimento para o exercício de direitos fundamentais que garantam uma existência digna no país de destino.

Para isto, a exposição está dividida em 4 eixos inter-relacionados - **FRONTEIRAS, PROTAGONISMO DAS MULHERES, MOBILIZAÇÃO POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA e CULTURA COMO RESISTÊNCIA** - que buscam refletir sobre a situação de pessoas que migram ou solicitam refúgio no Brasil, fazendo uma síntese das fronteiras legais e simbólicas envolvidas neste processo, e a forma como os migrantes respondem a estes obstáculos e a violação de direitos através da mobilização política e cultural, e a conquista de espaço por parte das mulheres imigrantes.

FRONTEIRAS

Todas as pessoas estão sujeitas, em determinado momento da vida, a querer ou ter que migrar. Porém, são muitas as fronteiras encontradas: em um nível mais explícito, podemos mencionar as FRONTEIRAS LEGAIS, ocasionadas pela falta de documentação que, além de impedir o ingresso no país, fazem com que uma série de direitos básicos sejam violados; em um nível mais velado, e por isto mais complexo e difícil de ser detectado, existem as FRONTEIRAS SIMBÓLICAS, que envolvem questões de classe, raça, gênero, sexualidade, religião, nacionalidade, opção política, entre outros fatores que selecionam o ingresso e acesso a serviços de forma preconceituosa e discriminatória, além de gerarem outros tipos de violência, que serão melhores descritos a seguir.

FRONTEIRAS LEGAIS

“[...] toda criança de família migrante eu acho que desde cedo entende o que é papel, documento. Por mais que não saiba totalmente o que significa, mas entende que o papel, aquele documento te dá acesso a algumas coisas. E que pela falta dele você pode ser retirada de algumas”.

(Verônica Yjura, fevereiro de 2016. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Documento é um pedaço de papel. Mas, você já pensou na quantidade de direitos que não teria acesso caso não tivesse documentos, ou os perdesse por uma fatalidade? O que vale mais: um pedaço de papel ou o bem estar de uma pessoa?

Devido à grande dificuldade para adquirir o Registro Nacional do Estrangeiro (RNE), muitos imigrantes se veem sem alternativas, e acabam permanecendo de forma não documentada no Brasil, sendo privados de acessar serviços sociais como educação e saúde por exemplo.

O primeiro ambiente da exposição é uma sala pequena e escura. Ao sentar-se no banco, você se deparará com um espelho refletindo sua própria imagem. Como é sentir-se no lugar do outro? E se você estivesse em um país onde:

Você não fala a língua.

Você não tem família próxima ou conhecidos.

Você não tem onde morar.

Você não tem acesso a serviços públicos de saúde e educação.

Você não pode escolher seus representantes políticos...

Este exercício de empatia é importante quando se pretende falar sobre direitos humanos. E se fosse eu, ou minha família?

Perceba as manchetes de jornal impressas nas paredes da sala. Elas se referem a casos de violação de direitos que acontecerem com migrantes ingressos no Brasil. Algumas falam da situação de migrantes brasileiros em outros países. Como os brasileiros são tratados no exterior? Para entendermos melhor esta proporção, hoje existem aproximadamente 3 milhões de brasileiros residindo fora do país, enquanto abrigamos pouco mais que 1 milhão de migrantes. Como acolhemos estes migrantes e como somos acolhidos no exterior? Somos sempre bem-vindos?

O Brasil tem um histórico bastante heterogêneo em relação à migração, com momentos de maior ou menor abertura para migrantes internacionais, de acordo com os interesses políticos e econômicos do país. A Hospedaria de Imigrantes do Brás, onde está sediado o Museu da Imigração, pode ser citada como um dos grandes exemplos e um marco das políticas públicas de imigração no Estado de São Paulo, que privilegiou, num primeiro momento, os migrantes europeus, com argumentos eugênicos e raciais.

A exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS tem como recorte cronológico a mobilização migrante desde a promulgação do Estatuto do Estrangeiro - principal documento que legisla e regulamenta a entrada, a permanência e a saída de imigrantes no Brasil - considerando este período como marco para a imigração contemporânea no país.

O Estatuto do Estrangeiro foi promulgado em 19 de agosto de 1980, ainda sob a vigência da Ditadura Militar, estabelecendo uma política migratória baseada na proteção ao trabalhador nacional, ao interesse nacional e à segurança nacional. Dessa forma, configurou-se como um dos grandes responsáveis pela violação de direitos (inclusive de ingresso) no Brasil.

Faz-se necessária, então, a revisão da legislação dos estrangeiros no Brasil, desta vez sob a perspectiva dos direitos humanos e em consonância com a Constituição do Brasil de 1988, que assegura o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos.

As atividades *Tá na cara* e *Imaginando histórias*, descritas no anexo com PROPOSTAS DE ATIVIDADES, podem ajudar na discussão sobre migração, sobre os motivos que levam pessoas a migrar e as dificuldades que enfrentam quando estão na condição de migrante no Brasil.

FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

“Acho que o preconceito é exatamente o que nos separa, [...] e quando você vai encurtar essa distância, entre a pessoa local, do país, e do imigrante, [...] então os preconceitos são quebrados. Você conhece o outro como ele é, as suas angústias, as motivações que ele tem, os seus projetos de vida. Então, eu acho que o recado básico é conhecer esse imigrante, porque ele está presente nesse lugar, ele não é o invasor, ele não saiu da sua terra porque ele quis”.
(Samuel Dany Santos Añez. Junho de 2015. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Quem cria a fronteira entre ‘nós-eles’? Embora no contexto atual brasileiro não existam políticas abertamente xenofóbicas, vivemos numa sociedade historicamente marcada por questões relacionadas ao preconceito. Mesmo a sociedade brasileira tendo sido formada pela chegada de diferentes correntes migratórias, isso não resultou em uma sociedade igualitária.

Como foi dito anteriormente, no Brasil temos momentos de maior e menor abertura para estrangeiros. Porém, é importante ressaltar que, mesmo de forma velada, em vários momentos existiram critérios de seleção por nacionalidades e etnias: aquelas que são aceitas pela sociedade são incentivadas a migrarem para o Brasil; e as que não são bem-vindas acabam sofrendo rejeição, e por consequência discriminação. Por exemplo, tirando o período do tráfico negreiro, o migrante vindo de países da África subsaariana jamais foi incentivado a vir ao Brasil. Já no caso dos japoneses, o primeiro navio de migrantes vindo deste país foi o Kasato Maru, que chega ao Brasil apenas em 1908, quase 50 anos após o início da chamada Grande Imigração. Os japoneses durante muito tempo carregaram o estigma de ‘perigo amarelo’, que traz argumentos de ordem racial para tentar impedir a continuidade de sua migração para o Brasil.

E hoje, quem são os e as migrantes que chegam ao Brasil? Porque a presença de determinados migrantes, especialmente haitianos, bolivianos e de diferentes países da África, é tão incômoda para parte da população? Você acha que a sociedade brasileira recebe de forma acolhedora estes migrantes, que são em grande parte negros e indígenas vindos de países latino-americanos?

Na segunda sala da exposição, você poderá assistir trechos de entrevistas de História Oral que falam sobre o preconceito e discriminação que os migrantes contemporâneos estão sujeitos no seu dia-a-dia na cidade de São Paulo.

Estas atitudes podem ser justificadas pela visão da questão migratória ainda ser muito pautada na figura dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do XX: o migrante como alguém europeu e branco. Cabe destacar que o número de casos de atitudes discriminatórias e agressivas contra migrantes negros e indígenas no Brasil têm crescido, e são divulgadas de maneira crescente na mídia.

Dentro desta sala, temos ainda o trecho do relato de um migrante senegalês sobre uma abordagem policial ocorrida no centro de São Paulo. Os policiais que os abordaram não reconheceram seu Registro Nacional de Estrangeiro como um documento oficial. Ele afirma que sofreu discriminação tanto pelo fato de ser estrangeiro quanto pelo fato de ser negro. Você pode ter acesso ao relato integralmente através do QR Code na exposição. No período após o processo da proibição da escravidão, não houve por parte do Estado uma política afirmativa para a inserção da população negra na sociedade brasileira. Pelo contrário: esta população foi marginalizada e teve suas identidades culturais e étnicas suprimidas.

Você já parou para pensar em quantos negros são professores em sua escola? E quantos assumem algum cargo de gestão? E na equipe de limpeza? Qual é a proporção de alunos negros?

POR UM MUNDO
SEM FRONTEIRAS!

PROTAGONISMO DAS MULHERES

“[...] eu já ouvi ‘ah, com as brasileiras é o mesmo’. Mas é, tipo assim, tem violência domésticas das brasileiras, tem violência no parto, tem violência no atendimento público, tem. Mas quando é mulher migrante além disso tem xenofobia, tem maus-tratos, tem racismo por ser migrante”.
(Andrea Carabantes Soto, julho de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

QUANDO PENSAMOS EM MIGRANTES, QUE CORPOS NOS VÊM À MENTE?

As pesquisas acadêmicas apontam a necessidade de analisar as experiências migratórias levando em consideração as relações de gênero. Esta categoria de análise não requer um olhar apenas para as mulheres, mas principalmente para como as construções históricas de feminilidade e masculinidade influenciam as relações de poder.

Em 2016, no Museu da Imigração, foi realizada a exposição “Do retalho à trama: costurando memórias migrantes”, com arpilleras produzidas por mulheres migrantes africanas e latinas residentes em São Paulo. Faça o download gratuito do material educativo no site do Museu da Imigração, ou a partir do link: <<http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Baixar-material-exposicao-do-retalho-a-trama.pdf>>

Como demonstra a luta por direitos como, por exemplo, o direito de participação política e regulamentação do trabalho, é verdade que tanto homens quanto mulheres migrantes têm suas necessidades e garantias prejudicadas. Porém, é importante observar que, dentro desta minoria política, outras ‘minorias’ operam e se combinam para criar circunstâncias de opressão ainda mais específicas. Categorias como raça e classe também complexificam a equação. As atividades *Entre privilégios* e *Histórias cruzadas*, disponíveis nas PROPOSTAS DE ATIVIDADES, podem ajudar a disparar discussões sobre esses temas.

Em uma postagem no blog do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência do Museu da Imigração, referente ao Dia Mundial do Refugiado, conheça um pouco mais sobre o tema do refúgio por pessoas perseguidas em razão de sua orientação sexual: <http://museudaimigracao.org.br/sobre-o-dia-mundial-do-refugiado-e-o-refugio-em-razao-de-perseguido-por-orientacao-sexual/>

Estas e outras questões já estão sendo debatidas em organizações políticas criadas por migrantes no Brasil. Em São Paulo, por exemplo, a Frente das Mulheres Imigrantes – cuja faixa se encontra na exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS – reúne participantes de algumas destas organizações com o objetivo de lutar pela visibilidade e pelo protagonismo feminino nos movimentos por direitos. Para enriquecer este debate, sugerimos realizar as atividades *Onde estão elas?* e *Nuvens de palavras*, descritas nas PROPOSTAS DE ATIVIDADES.

Abordar questões de gênero na escola é uma importante oportunidade de discutir identidades e estimular o respeito entre alunas e alunos desde a infância. Atitudes como não separar atividades entre meninos e meninas, propor dinâmicas sobre o tema e não deixar de debater situações cotidianas de violência, podem ajudar a compor um ambiente mais acolhedor e igualitário.



Reunião da Frente de Mulheres Imigrantes, realizada no Museu da Imigração. 12 mar 2016. Foto: Conrado Secassi.



Confecção de faixa da Frente das Mulheres Imigrantes para a Marcha do Migrante, no jardim do Museu da Imigração. 15 nov 2015 Foto: Conrado Secassi.

MOBILIZAÇÃO POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

“[...] nós estamos lutando aqui em São Paulo, os imigrantes, por uma comunidade mais próspera, uma comunidade mais justa, com pleno exercício da cidadania, com todos os direitos, não queremos mais nem menos, queremos ter igualdade de condições como todo e qualquer brasileiro que mora e nasceu aqui. Igualdade na questão do voto, igualdade para sobreviver, para fazer nossas empresas, gerar nossos empregos, ou procurar um emprego, queremos simplesmente igualdade”.

(Luis Vasquez, novembro de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Ao que remete o termo participação política?... Engajamento? Jogo de cintura? Conhecimento? Abaixo-assinado? Voto? Política? Cidadania? Democracia?

A participação política em uma sociedade está diretamente ligada ao modelo político de seu país. No caso do Brasil - uma democracia representativa - os indivíduos com direito ao voto escolhem seus representantes políticos (vereadores; deputados, senadores, prefeitos etc.) que atuarão por um período determinado pela Constituição Federal brasileira. Entretanto, a participação política não se limita ao voto. Os cidadãos também atuam politicamente ao fiscalizar seus representantes, evidenciar suas reivindicações e opiniões via abaixo-assinado ou promovendo protestos, por exemplo.

Há vários níveis de participação política. Você pode agir de modo individual, participando ativamente ou não de diversas atividades políticas. Como também pode agir de maneiras mais abertas e plurais como, por exemplo, integrando grupos que discutem questões públicas e/ou frequentando protestos.

E você, como tem participado politicamente no contexto de sua cidade, bairro ou escola? Ao final da exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS temos uma parede colaborativa, em que você pode deixar uma mensagem ou manifestar-se sobre os direitos da população migrante, ou o que queira. Aproveite para fazer uma foto e compartilhar nas redes sociais usando as hashtags *#direitosmigrantes* ou *#museudaimigracao*.

A participação política pode variar entre os cidadãos e os diferentes grupos sociais aos quais eles pertencem devido a desigualdade social (oportunidades, formação, informação) e situação política do país, dentre outras questões. No caso dos migrantes, sua participação é limitada por não possuírem direito ao voto, e sua manifestação ser proibida devido a contradições entre a Constituição Federal e o Estatuto do Estrangeiro, já citadas anteriormente.

Frente a esta situação, os migrantes promovem, desde de 2006, a Marcha dos Imigrantes. No ano de 2015, em sua 9ª edição, as reivindicações foram: fronteiras livres, mote da marcha; cidadania universal, direitos humanos, mercado de trabalho, integridade física, igualdade entre estrangeiros e brasileiros. Na exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS estão expostas fotos da Marcha dos Imigrantes, e ainda a faixa da Frente de Mulheres Imigrantes. No ambiente, você pode ouvir sons gravados nestas manifestações.

NENHUM SER HUMANO É ILEGAL



9ª Marcha dos Imigrantes: “Fronteiras livres! Não à discriminação”
São Paulo, novembro de 2015. Leonardo Fernandes



9ª Marcha dos Imigrantes: “Fronteiras livres! Não à discriminação”
São Paulo, novembro de 2015. Leonardo Fernandes

CULTURA COMO RESISTÊNCIA

“Quando vem aquele pessoal do Nordeste, que toca música do Nordeste, e o pessoal toca nas praças, né? [...] Que, às vezes, para o cidadão comum isso não faz sentido, para outra pessoa não fez sentido, é mais bagunça na rua, enfim... Mas para o migrante, que é nortista, norte, essa conexão, esses cinco minutos de ouvir a música dela, que é da terra dela faz todo o sentido. Às vezes ela está na rotina dela, mas se ela puder parar para isso, de repente é a coisa mais gratificante do dia”.

(Víctor Gonzales, setembro de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Por qual razão nos choca o fato de que o Estado Islâmico, ao ocupar o território sírio, tenha depredado e dinamitado edifícios e obras de arte constituídas muitos séculos atrás? Ou que consideramos, por assim dizer, um *tiro no pé*, qualquer governo que dê fim a uma secretaria ou ministério que se dedique à cultura? Ao considerarmos a cultura como esse algo formador e conformador do tecido social, visto que está ligada ao todo que produzimos, transmitimos e legamos, ao comungar os indivíduos de um grupo, podemos pensar que, quando ela é diminuída em sua importância, ao mesmo tempo estaríamos nos destruindo: não uma morte individual, do corpo; mas uma morte social, visto que o fio condutor que uniria o passado, o presente e o futuro de uma comunidade estaria despedaçado.

De igual maneira, e pelas mesmas razões, ela pode ser a única forma de resistência da vida social de um grupo ou comunidade que se veja obrigado a sobreviver dentro ou próximo a um grupo socialmente hegemônico. Entretanto, longe da total renúncia, viver em um lugar novo também é aprender palavras novas e falar menos o idioma materno, descobrir novos sabores e abandonar comidas, escutar outras músicas e ouvir outras vozes. Mas também é se redescobrir dentro da nova cultura e se utilizar de ferramentas para lembrar o que considera importante, de articular outras pessoas que são partes do mesmo grupo e manter viva uma manifestação no lugar de chegada. Às vezes, resistir pode ser entendido também como uma forma de se integrar.

O primeiro ponto que devemos pensar sobre cultura é que ela não está paralisada e afastada do cotidiano das pessoas, mas que se encontra em constante mudança e transformação, em conjunto com outras práticas culturais que a modificam de diferentes maneiras. Ela se modifica juntando as referências trazidas da terra natal e se reinventando no novo contexto, ocupando espaços da cidade que são marginalizados como praças, viadutos, ou embaixo das pontes e transformando em feiras bolivianas, apresentações teatrais ou mesmo academias de boxe. Em suma, transformando espaços da cidade em espaços de *múltiplas cidades*.

A cultura e/ou os bens patrimoniais não são determinados somente por uma vontade institucional, mas podem ser determinadas e valoradas pelas pessoas a partir daquilo que é importante para sua comunidade. Desta forma, podemos nos apropriar do neologismo ‘fratrimônio’ (apelando para o fraterno - irmão - ao invés do paterno - pai), que pode ser compreendido como uma prática ou manifestação cultural compartilhada de maneira horizontal e colaborativa, ou seja, que não dependa das diretrizes de uma instância maior.

Como as referências culturais podem ser entendidas de maneiras diversas por grupos diversos, é sempre interessante quando ela é construída, entendida e discutida com o maior número de pessoas possível, tornando-se cada vez mais plural no contato com outros olhares.



Dia de las Madres bolivianas. Praça Kantuta. São Paulo, maio 2012. Foto: Cristian Cancino



Estreia do Microcine Migrante. Apresentação do grupo togolês de dança “Group Atopani”. São Paulo, julho de 2015Foto: Alonzo Chaska

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Este material tem como objetivo ser um diálogo sobre os conteúdos da exposição 'DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS', apresentando propostas de mediação e sugestões de atividades. Esperamos que ele atue como ferramenta de auxílio para o planejamento do antes, durante e depois da visita à exposição, com ou sem a presença de educadores do Museu da Imigração. Boa visita! ;)


“TÁ NA CARA”

#fronteira #deslocamento #refúgio #direitodemigrar #política

Essa atividade tem o objetivo de discutir sobre os motivos que fazem com que as pessoas busquem refúgio ou migrem de um lugar para outro.

Sair do seu país nem sempre é uma opção do indivíduo, mas pode ser uma imposição por condições extremas: guerras, perseguição política, miséria, são algumas delas. Você pode conversar com os estudantes e apresentar notícias que falem sobre os motivos que fazem com que as pessoas migrem, ou ainda apresentar a 'Cartilha para refugiados no Brasil', desenvolvida pela ANCUR - Agência da ONU para Refugiados, que está disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Images/portugues/publicacoes/Cartilha_para_refugiados_no_Brasil>.

Após esta conversa inicial, você pode organizar os alunos em roda e colar um papel adesivo na testa de cada estudante, que contenha um motivo para migrar. Por meio de perguntas diretas (exemplo: “tenho a ver com guerra?”), um de cada vez deverá adivinhar qual a sua palavra. Os colegas responderão “sim” ou “não”, a cada pergunta feita, até todos descobrirem os motivos colados em suas testas.

 **POSSÍVEIS PALAVRAS:** Motivos políticos | Perseguição | Preconceito | Miséria | Economia | Intolerância Religiosa | Guerra | Racismo | Emprego | Casamento | Desastre Ambiental | Homofobia | Violência de gênero

“IMAGINANDO HISTÓRIAS”

#preconceito #xenofobia #estereótipos

Essa atividade tem o objetivo de formular novas hipóteses sobre as possíveis histórias de migrantes e questionar os estereótipos que construímos a partir da ideia de uma história única.

Você pode procurar relatos de migrantes contando sua história, e selecionar alguns perfis como, por exemplo, 'mulher boliviana' ou 'homem haitiano'. Os alunos poderão ser divididos em grupos, para cada grupo será sorteado um perfil. A partir dele, os alunos serão convidados a criar uma história para essa pessoa, como por exemplo: *Qual o seu nome? Quantos anos tem? Por que veio ao Brasil? Como foi essa experiência de migrar?* Após a apresentação das histórias, os participantes serão convidados a ver o relato condizente com o perfil escolhido. A partir dele, os alunos poderão discutir o quanto da história criada condiz com o depoimento e o que aprendeu de novo sobre sua vida e cultura.

 **SITES RECOMENDADOS PARA BUSCAR DEPOIMENTOS:**
<<http://rostos.org/pt/>>, <<http://gkfische.tumblr.com/archive>> e <<http://www.museudapessoa.net/pt/home>>.

“ENTRE PRIVILÉGIOS”

#privilegio #empatia #meritocracia #interseccionalidade

O objetivo dessa atividade é discutir privilégios com o grupo, partindo de experiências de vida dos participantes.

Os participantes se posicionam de mãos dadas, lado a lado. No chão, há linhas paralelas (que podem ser criadas com giz, lã ou fita adesiva) à frente e atrás da fileira de pessoas. Alguém fica de fora da ação, para mediar a atividade através da leitura em voz alta das instruções apresentadas abaixo.

A cada orientação lida, os participantes se movimentarão para frente ou para trás, de acordo com sua identificação com instruções. Em certo momento, alguns precisarão soltar as mãos.


Após a atividade, você pode discutir com o grupo o que são os privilégios.

Como eles foram adquiridos?

É possível marcar momentos históricos para eles?

Como o grupo se sentiu ao observar as diferenças de privilégios entre os participantes?

O que significa empatia? O que é meritocracia?

 **NOTE:** alguns participantes podem preferir não ser honestos sobre suas experiências de vida. Neste caso, mesmo a omissão ou o silêncio podem ser motivos de reflexão coletiva.

AS INSTRUÇÕES SÃO:

1. Se os seus pais trabalharam noites e finais de semana para sustentar a sua família, dê um passo para trás.
2. Se você consegue andar pelas ruas sem sentir medo de assédio sexual, dê um passo para frente.
3. Se você consegue demonstrar afeto pelo seu companheiro romântico em público sem sentir medo de ridicularização ou violência, dê um passo para frente.
4. Se você já foi diagnosticado com alguma doença ou deficiência mental/física, dê um passo para trás.
5. Se a língua primária falada na sua casa quando você cresceu não era o português, dê um passo para trás.
6. Se você veio de um ambiente familiar que te apoiava, dê um passo para frente.
7. Se você alguma vez já teve que mudar seu sotaque ou trejeitos para ganhar credibilidade, dê um passo para trás.
8. Se você pode ir a qualquer lugar do país e facilmente encontrar produtos para o seu tipo de cabelo ou cosméticos que sejam da cor da sua pele, dê um passo para frente.
9. Se você já teve vergonha das suas roupas ou da sua casa quando crescia, dê um passo para trás.
10. Se você pode cometer erros e ninguém atribuir seu comportamento ao seu gênero ou raça, dê um passo para frente.

11. Se você pode legalmente casar com a pessoa que ama, independente de onde você mora, dê um passo para frente.
12. Se você nasceu nos Estados Unidos, dê um passo para frente.
13. Se você ou seus pais já se divorciaram, dê um passo para trás.
14. Se você já sentiu como se tivesse acesso adequado à comida saudável enquanto crescia, dê um passo para frente.
15. Se você estava razoavelmente certo de que seria contratado num trabalho graças às suas habilidades e qualificações, dê um passo para frente.
16. Se você nunca pensaria duas vezes antes de chamar a polícia quando algum problema acontecer, dê um passo para frente.
17. Se você pode ver um médico sempre que tem necessidade, dê um passo para frente.
18. Se você se sente confortável sendo emocionalmente aberto e expansivo, dê um passo para frente.
19. Se você alguma vez já foi a única pessoa do seu gênero/raça/status social/orientação sexual em uma classe ou num local de trabalho, dê um passo para trás.
20. Se você precisou de bolsa para custear seus estudos, dê um passo para trás.
21. Se você tem folga nos feriados da sua religião, dê um passo para frente.
22. Se você teve que trabalhar durante os anos de estudo, dê um passo para trás.
23. Se você se sente confortável de andar pra casa sozinho, dê um passo para frente.
24. Se você alguma vez já viajou pra fora do país, dê um passo para frente.
25. Se você já sentiu como se não existisse uma representação real do seu grupo racial, da sua orientação sexual, gênero ou deficiência na mídia, dê um passo para trás.
26. Se você sentiu confiança de que seus pais poderiam te dar apoio financeiro se você passasse por alguma dificuldade, dê um passo para frente.
27. Se você já sofreu bullying ou foi feito de piada baseado em algo que você não podia mudar, dê um passo para trás.
28. Se tinham mais de 50 livros na casa que você cresceu, dê um passo para frente.
29. Se você estudou a cultura ou história dos seus ancestrais na escola fundamental, dê um passo para frente.
30. Se os seus pais ou responsáveis frequentaram a faculdade, dê um passo para frente.
31. Se você já fez uma viagem em família, dê um passo para frente.
32. Se você pode comprar roupas novas ou sair para jantar quando quiser, dê um passo para frente.
33. Se você já conseguiu um emprego por ser amigo ou familiar de alguém, dê um passo para frente.

34. Se algum dos seus pais já esteve desempregado, não por opção, dê um passo para trás.
35. Se você já esteve desconfortável com uma piada ou uma norma relacionada à sua raça, gênero, aparência ou orientação sexual, mas se sentiu inseguro de confrontar a situação, dê um passo para trás.

“HISTÓRIAS CRUZADAS”

=#interseccionalidade #gênero #raça

Abaixo estão algumas situações emblemáticas para discutirmos migrações e interseccionalidade. A partir delas, e de outras que possam surgir em debates, o grupo pode:

- > criar histórias em quadrinhos
- > encenar as situações com ou sem improvisado ou mesmo trocando de papéis
- > escrever roteiros, gravá-los e editá-los

1. Quando um homem migrante vai às ruas, seja para se manifestar ou simplesmente circular, ele pode sentir medo de sofrer xenofobia ou, se não tiver seus documentos regularizados, ser reprimido pela polícia. E no caso de uma mulher? Que outros temores as mulheres, migrantes ou não, sentem ao sair às ruas? E se essa mulher for negra ou indígena?

2. Um homem migrante que está numa situação irregular de trabalho pode se sentir exausto. Quando se junta a uma esposa que também trabalha, este homem dividirá com ela as funções domésticas ou o cuidado com os filhos?

3. Uma mulher grávida está vulnerável a sofrer violência obstétrica se não conhecer bem os seus direitos. Como seria esta mesma situação quando esta mulher é migrante? Se ela não souber se comunicar na língua local, por exemplo, como conseguirá garantir que tenha escolhas sobre o seu corpo e o de seu bebê?

4. Homens e mulheres migrantes sofrem com os estereótipos e fetiches que lhes são atribuídos. Se estes indivíduos não apresentarem uma sexualidade normativa, de quais outros preconceitos sofrerão?

“ONDE ESTÃO ELAS?”

#gênero #família #mulher

Analise o livro de matrícula presente no módulo ‘Cotidiano’ da exposição de longa duração ‘Migrar: experiências, memórias e identidades’. Perceba que há uma ordem na inscrição das pessoas. Qual é o padrão que aparece em relação a gênero e idade? Quando só há mulher e filhos, quem é ‘chefe da família’?

No Acervo Digital do site do Museu da Imigração, sugerimos que escolha uma foto pesquisando, por exemplo, o termo ‘família’ na busca e analise os contextos retratados. Junto do grupo, descreva a situação em que estão as mulheres:

o que estão fazendo, onde estão, se estão junto à família, se estão mais próxima aos filhos do que o ‘chefe da família’. Ou mesmo se não estiverem em algumas imagens, qual seria a razão dessa ausência?

Pensando nisso, reflita sobre o lugar de trabalho da mulher na fazenda, na lavoura e na casa. Discuta sobre a valorização do seu lugar social comparado ao dos homens, se possível fazendo uma comparação com os dias de hoje.



TRECHO DO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO DE 1980

Art. 107. O estrangeiro admitido no território nacional não pode exercer atividade de natureza política, nem se imiscuir, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do Brasil, sendo-lhe especialmente vedado:
(Renumerado pela Lei nº 6.964, de 09/12/81)

I - organizar, criar ou manter sociedade ou quaisquer entidades de caráter político, ainda que tenham por fim apenas a propaganda ou a difusão, exclusivamente entre compatriotas, de ideias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem;

II - exercer ação individual, junto a compatriotas ou não, no sentido de obter, mediante coação ou constrangimento de qualquer natureza, adesão a ideias, programas ou normas de ação de partidos ou facções políticas de qualquer país;

III - organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza, ou deles participar, com os fins a que se referem os itens I e II deste artigo.

“NUVENS DE PALAVRAS”

#empoderamento #internet #violênciadegênero

Proponha uma pesquisa através de hashtags criadas nas redes sociais para relatar situações de violências de gênero, como #meuamigosecreto e #primeiroassedio, ou mesmo para discutir o empoderamento feminino, como #mexeucomumamexeucomtodas e #vamosjuntas. O grupo pode ler os relatos e marcar quais palavras-chave mais aparecem para cada hashtag, criando uma nuvem de palavras que pode ficar exposta em sala de aula ou pode ser comparada com a de outras turmas.

“DEMOCRACIA NA ESCOLA”

#participação #escola #direitos

Com relação à participação política multidimensional, com o objetivo de que os estudantes, entendam o que seria participar politicamente e propor ações na escola, esta atividade visa que eles reflitam sobre seus direitos e deveres propondo reformas na escola, onde o professor escolheria uma semana para ser “A semana participativa”.

Você pode discutir em sala de aula sobre o que é democracia e participação política, levando exemplos de escolas democráticas. Dividindo os alunos em grupos, você pode realizar assembleias para propor mudanças, como nos temas estudados, no lanche da cantina ou na merenda, na decoração da escola, na organização da limpeza, dos horários de aula etc.

“ÁGORA AGORA!”

#ocupação #espaçopúblico #cidadania

Você pode propor ao grupo um mapeamento das praças mais próximas à escola e, a partir daí, escolher uma para ocupá-la, num tipo de aula ao ar livre. A atividade ÁGORA AGORA! Tem lugar neste cenário: ao conjugar as ideias de forma artística, de um lado; e conteúdo ou tema, de outro, o professor poderá utilizar um material didático disponibilizado no site do Museu da Imigração: <<http://museudaimigracao.org.br/educativo/materiais-de-apoio/>>.



Neste material, encontram-se duas séries distintas de cartas, a primeira delas como uma expressão artística, e a segunda, como tema que poderá ser trabalhado, num diálogo com as experiências culturais e políticas das coletividades migrantes.



Fórum Social Mundial das Migrações
“Construindo Alternativas frente a DeSordem e a Crise Global do Capital”
São Paulo, julho 2016. FOTO: Tatiana Waldman

“POESIA NO CONCRETO”

#poesiaconcreta #migraçãoamídia #artederua
#migraçãocontemporânea #lambelambe

Os artistas de rua que utilizam a técnica do lambe-lambe muitas vezes se remetem às experimentações do movimento chamado Poesia Concreta, que investigou relações inusitadas entre as palavras através de sua visualidade e sonoridade. Para a discussão que precede esta atividade, pode ser interessante trazer exemplos de poemas concretos e de lambe-lambes.

Pode ser sugerido ao grupo que traga notícias, manchetes de jornal e comentários de portais, que falem sobre migração na atualidade. Se forem textos que incluam uma visão pejorativa de migrantes, a atividade pode ficar ainda mais interessante. Peça que recortem os trechos que mais chamem a atenção do grupo e coleem cada um num papel sulfite.

Usando canetas de diversas cores e grossuras, sugira aos participantes que manipulem estes escritos, seja escondendo trechos ou acrescentando palavras e desenhos, de forma a compor novos textos, poesias ou imagens. A atividade fica ainda mais instigante se você encontrar um lugar, na própria escola ou na rua, onde o grupo possa colar suas produções em forma de lambe-lambe.

Até o final da exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS, o Educativo estará realizando esta atividade no Museu da Imigração aos finais de semana.

CONFIRA A
PROGRAMAÇÃO
NO SITE DO MUSEU
E PARTICIPE!

..... OS FILHOS DA ÉPOCA
Wisława Szymborska

Somos os filhos da época,
e a época é política.

Todas as coisas - minhas, tuas, nossas,
coisas de cada dia, de cada noite
são coisas políticas.

Queiras ou não queiras,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um brilho político.

O que dizes tem ressonância,
o que calas tem peso
de uma forma ou outra - político.

Mesmo caminhando contra o vento
dos passos políticos
sobre solo político.

Poemas apolíticos também são políticos,
e lá em cima a lua já não dá luar.
Ser ou não sereis a questão.

Oh, querida que questão malparida.
A questão política.
Não precisas nem ser gente
para teres importância política.

Basta ser petróleo, ração,
qualquer derivado, ou até
uma mesa de conferência cuja forma
vem sendo discutida meses a fio.

Enquanto isso, os homens se matam,
os animais são massacrados,
as casas queimadas,
os campos se tornam agrestes
como nas épocas passadas
e menos políticas.

GLOSSÁRIO

DISCRIMINAÇÃO: Comportamento objetivo contra um grupo alvo ou contra as pessoas percebidas como pertencentes a esse grupo. Pode ser também a intenção de se comportar e o apoio a ações contra o grupo alvo ou os membros deste grupo. A discriminação é referida na literatura especializada como um dos comportamentos que é consequência do preconceito (PEREIRA; VALA, 2010, p. 10).

ETNIA: Conjunto de indivíduos que, histórica e mitologicamente, tem um ancestral em comum; tem uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente no mesmo território (MUNANGA, 2003, s/p).

EUGENIA: Ciência criada por Francis Galton que defende que através do estudo dos agentes sob o controle social é possível melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente (GALTON, 1869).

GRANDE IMIGRAÇÃO: Período entre o final do século XIX e meados do XX (aproximadamente 1870 até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914), no qual entraram mais de 3 milhões de imigrantes no Brasil. As nacionalidades variavam de acordo com os anos, as que apresentaram maior número nesse período foram, respectivamente: italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, sírios e turcos. (VAINFAS, 2000, p. 226).

INTERSECCIONALIDADE: Tipo de análise que privilegia a interação entre formas de subordinação, como opressões de gênero, sexualidade, raça e classe. A interseccionalidade leva em consideração essas experiências, e suas combinações, para que se possam compreender melhor as relações de poder das quais estes sujeitos participam.

MIGRAÇÃO: Processo de atravessar uma fronteira internacional ou um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos. (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2010).

PRECONCEITO: Avaliação negativa sobre a natureza de uma pessoa pelo simples fato de esta ser percebida como membro de um grupo. A avaliação negativa sobre a natureza do grupo como um todo. (PEREIRA; VALA, 2010, p. 9-10)

RAÇA: O termo raça possui diversos significados. Inicialmente é utilizado pela Zoologia e a Botânica, e em 1684 é apropriada por François Bernier em seu sentido biológico para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, no século XVIII a cor da pele é considerada como um critério fundamental entre as chamadas raças. O conceito de raça também é usado nas ciências sociais, denominando uma realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e exclusão (MUNANGA, 2003, s/p).

RACISMO: Representação sobre a natureza da humanidade baseada na crença de que esta é formada por grupos raciais (racismo biológico) ou étnicos (racismo cultural), os quais são inferidos a partir da percepção de que existem diferenças supostamente naturais, fixas, imutáveis e transmissíveis hereditariamente ou culturalmente que fazem com que uns grupos sejam percebidos como piores do que outros e que nem todos têm o que se acredita ser a essência cultural que define a natureza humana (PEREIRA, VALA, 2010, p. 10).

REFÚGIO: É um instituto jurídico (conjunto de regras) de acolhimento e proteção daquele que sofre uma perseguição e que, portanto, não pode continuar vivendo no seu local de nacionalidade ou residência. No Brasil é reconhecida como refugiada toda pessoa forçada a deixar o seu país de origem ou, não tendo nacionalidade, o país de residência habitual, devido a fundado temor de perseguição por motivos de: (I) Raça; (II) Religião; (III) Nacionalidade; (IV) Grupo social; (V) Opiniões políticas; (VI) Em razão de grave e generalizada violação de direitos humanos. (cf. Lei n.º 9474/1997) - Glossário da Política de acervo do Museu da Imigração, 2016.

XENOFOBIA: É o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros. A desconfiança em relação a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito e religião diferente (BOLAFFI, Guido, 2003, p. 331).

REFERÊNCIAS

BOLAF FI, Guido. Dictionary of Race, Ethnicity and Culture. SAGE Publications Ltd., 2003.

GALTON, Francis. Hereditary Talent and Genius. 1869. Acesso em 17 ago 2016. Disponível em: <<http://www.mugu.com/galton/books/hereditary-genius/text/pdf/galton-1869-genius-v3.pdf>>.

GROSSELLI, Grasiela; MEZZAROBBA, Orides.

A participação política e suas implicações para a construção de uma cidadania plena e de uma cultura política democrática in: Anais do XX Encontro Nacional do CONPEDI. Belo Horizonte, 22 - 25 d junho de 2011. p. 7128 - 7143. Acesso em: 19 ago 2016. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/grosselli_7.pdf>

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia.

Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação.

Acesso em 11 set 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Direito Internacional da Migração: Glossário sobre Migrações. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2010. Acesso em: 18 ago 2016. Disponível em: <<http://publications.iom.int/bookstore/free/IML22.pdf>>.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA, Jorge. Preconceito e Discriminação Não Justificada. Acesso em 11 set 2016. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/CiceroPereira_JorgeVala_2010_n1.pdf>

SZYNBORSKA, Wislawa. Poemas. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VAINFAS, Ronaldo (Org.) Brasil: 500 anos de povoamento. IBGE. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento, p. 226.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
GERALDO ALCKMIN

Secretário de Estado da Cultura (Adjunto)
JOSÉ ROBERTO SADEK

Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico
Renata Vieira da Motta

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Presidente do Conselho
de Administração
Roberto Penteado de Camargo Ticoulat

Comitê Executivo
Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Eduardo Carvalhaes Jr.

Diretora Executiva
Marília Bonas

Diretor Administrativo
Thiago Santos

Gerente de Controladoria Geral
Alessandra Almeida

Gerente de Comunicação Institucional
Caroline Nóbrega

Coordenadora Técnica do
Museu da Imigração
Mariana Esteves Martins

Coordenadora Administrativa
Claudia Marinelli

MUSEU DA IMIGRAÇÃO ADMINISTRATIVO

Administração
Bruna Zachi Rogado
Jamile Arakaki
Lucinea Gomes do Nascimento
Melise Pereira Lopes da Silva
Natalia Alves de Oliveira
Priscila da Silva Vitor Dias
Valdiane Pereira de Melo

Infraestrutura
César Pimenta
Trajano Rodrigues
Adriano Aparecido de Jesus do Carmo
Bruno dos Santos Callender
Grimaldo Madeira da Silva
Glecia dos Santos Ferreira
Ilka Simone Vieira da Conceição
Janifer Martinelli da Silva
José de Arruda Paiva
Maria Aparecida dos Santos
Maria Conceição da Silva
Maria José Ferreira de Souza
Railde Maria Lima
Rogério Wagner da Silva

Recepção e bilheteria
Andrea Sá de Abreu Neves
Anna Gabriela da Conceição Teixeira
Débora Catesquini Lemes
Drielly Gloria
Jenifer Bene Lu
Joselma Guilherme Silva
Mariane Nunes
Simone Monteiro de Brito
Taciana Maria dos Santos

Recursos humanos
Maria Christina Chiara Gomes Vieira
Marisa dos Santos

Tecnologia da informação
Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
Gabriel Romio
Nayara Santana da Silva
Thâmara Malfatti

TÉCNICA
Comunicação Museológica
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Educativo
Paola Maués
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Raquel Freitas

Pesquisa
Tatiana Chang Waldman
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu

Preservação
Alessandra Sampaio Pedrosa
Ana Beatriz Giacomini
Leticia Sá
Luciane Santesso
Livia Alli

Exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS

Curadoria
Tatiana Chang Waldman

Pesquisa
Aline Oliveira
Ana Menezes
Angélica Beghini
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Henrique Trindade Abreu
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Mariana Esteves Martins
Paola Maués
Raquel Freitas

Revisão de texto
Angélica Beghini

Conservação de acervo
Ana Beatriz Giacomini
Livia Alli

Expografia e produção
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Comunicação visual
Partícula Planejamento Visual Gráfico

Material educativo
Paola Maués
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Raquel Freitas

Fotografias
Alonzo Chaska
Conrado Secassi
Cristian Cancino
Eduardo Schwartzberg
Elaine Campos
Leonardo Fernandes
PC Pereira
Tatiana Chang Waldman
Viviana Peña

Agradecimentos
Adama Konate, Agostinho Francisco
Martinho, Alonzo Chaska, Andrea
Carabantes, Arthur Alves, Camila Baraldi,
Carla Quispe Lipa, Cheung Ka Wai, Clara
Politi, Cristian Cancino, Cristina de
Branco, Eduardo Schwartzberg, Elaine
Campos, Gregory Fisher, Hugo Ferreira
Zambukaki, Isabel Camacho Torres, Ives
Berger Viguera, Jobana Moya, Kassoum
Dieme, Katiuscia Moreno, Leonardo
Fernandes, Luis Vasquez Mamani, Massar
Sarr, Miguel Soares, Monica Rodriguez Ulo,
Nádia Vaz Ferreira, Paulo Illes, PC Pereira,
Oriana Jara, Patricia Torre, Rosana
Camacho, Rudecindo Marupa, Samuel
Dany, Sonia Sarmiento, Thais Klarge,
Veronica Quispe Yujra, Víctor Gonzales
Linares, Visto Permanente, Viviana Peña,
Wendy Villalobos, Werner Regenthal

Equipes Administrativa, Comunicação
Institucional, Infraestrutura e Técnica
do Museu da Imigração

Voluntários do Museu da Imigração:
Caetana Dultra Britto, Camila Zanon
Paglione, Carolina Nóbrega da Rocha
Martins, Felipe Augusto Chadi da Silva,
Edsônia Lopes dos Santos, Jessyka
Crispim Oliveira, Raylaine Barros Leal
de Oliveira

Este projeto é feito com as tipografias
ASPHALIC SCRATCH ROUNDED PERSO,
LUMBERJACK e BOSTON TRAFFIC, todas
abertas para download gratuito.



Atribuição-Compartilhada
CC BY-SA 4.0 Internacional
Esta licença permite que outros remixem,
adaptem e criem a partir desse material,
mesmo para fins comerciais, desde
que atribuam ao Museu da Imigração
e ao autor da imagem os devidos créditos
e que licenciem as novas criações sob
termos idênticos.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Exposição
'Direitos migrantes: nenhum a menos'
Rua Visconde de Parnaíba, 1316
Mooca - São Paulo | SP
Sala Hospedaria em Movimento.
Em cartaz do dia 24 de setembro
a 18 de dezembro de 2016.

REALIZAÇÃO


museu da imigração
do estado de são paulo


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura